

## **A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA CABO-VERDIANA NA LITERATURA E O BRASIL COMO PARADIGMA IMAGINÁRIO: EM BUSCA DE PASÁRGADA**

ÉRICA ANTUNES PEREIRA

Pós-doutoranda na Universidade de São Paulo (USP), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

[erica.antunes@gmail.com](mailto:erica.antunes@gmail.com)

### **Resumo**

O processo de construção da identidade cabo-verdiana como entidade autônoma da cultura do colonizador pautou-se pela proximidade com dois tipos de discurso: o jornalístico e o literário. Grandes escritores cabo-verdianos, como Eugénio Tavares, por volta de 1900, já propunham uma autonomia para Cabo Verde, país arquipelágico independente de Portugal somente em 05 de julho de 1975.

O contato dos escritores e poetas cabo-verdianos com a produção literária brasileira teve início muito antes da independência, como comprova a *Revista Claridade*, publicada de 1936 a 1960 com periodicidade não regular e formada por uma geração que “preferiu imaginar-se não mais à luz do modelo colonizador ou de uma literatura colonial apologética da figura do herói navegador, e escolheu mirar-se em outro paradigma cultural, forte, irmão, independente: o Brasil dos mulatos, malandros e heróis ignorados” (Gomes, 2008, p. 113).

Nesse diálogo estabelecido, é provável que a obra de Manuel Bandeira tenha sido uma das vias que mais favoreceram o referido processo de identificação dos autores cabo-verdianos com o Brasil, considerado então uma espécie de “irmão mais velho” cujo sistema literário, já solidificado nos termos propostos por Antonio Candido (1997, p. 15), tornou-se alvo de interesse por simbolizar a rutura cultural e política com o império português.

Adepto de uma abordagem poética do cotidiano, agregando às suas obras imagens “desentranhadas” (Bandeira, 1984, p. 19) de pequenos acontecimentos e de cenas pitorescas, fato que cria uma tensão perceptível conforme une as pontas do ambiente rural com o urbano, do particular com o universal, da linguagem prosaica com a formal, do gênero poético com uma prosa contida e de notícia, Manuel Bandeira, criador da imagem da “Pasárgada”, tem sua produção literária retomada por um grande número de autores cabo-verdianos, podendo ser referidos, entre outros, Osvaldo Alcântara (pseudônimo de Baltasar Lopes), Jorge Barbosa, Ovídio Martins, Vera Duarte, Filinto Elísio e José Vicente Lopes.

Nosso objetivo, nesta apresentação, é demonstrar que os escritores e poetas de Cabo Verde, ao se reportarem à poesia bandeiriana, recriando-a ou adaptando-a ao seu país, constroem também, via literatura, uma nova (micro)história, permitindo que pesquisadores efetuem a recomposição da realidade socioeconômica, cultural e identitária de uma época.

**Palavras-chave:** Estudos comparados, Cabo Verde, Brasil, intertextualidade, identidade

\*

### **BRASIL: A POESIA COTIDIANA DE UM “IRMÃO MAIS VELHO”**

*A poesia está em tudo – tanto nos amores  
como nos chinelos, tanto nas coisas  
lógicas como nas disparatadas.*  
Manuel Bandeira

Como é possível imaginar ao ler a epígrafe, o brasileiro Manuel Bandeira se revela adepto de uma abordagem poética do cotidiano, agregando às suas obras imagens “desentranhadas” (Bandeira, 1984, p. 19)

de pequenos acontecimentos e de cenas pitorescas<sup>1</sup>, fato que cria uma tensão perceptível conforme o poeta une as pontas do ambiente rural com o urbano, do particular com o universal, da linguagem prosaica com a formal, do gênero poético com uma prosa contida e de notícia.

Esse realce do dia a dia foi muito bem aceito pelos poetas de Cabo Verde – país arquipelágico com 4.033 km<sup>2</sup>, composto por dez ilhas (nove delas habitadas) e alguns poucos ilhéus, localizado na costa ocidental da África e independente de Portugal em 05 de julho de 1975 –, que mantêm contato com a produção literária brasileira há muito tempo, como comprova a *Revista Claridade*, publicada de 1936 a 1960 com periodicidade não regular e formada por uma geração que “preferiu imaginar-se não mais à luz do modelo colonizador ou de uma literatura colonial apologética da figura do herói navegador, e escolheu mirar-se em outro paradigma cultural, forte, irmão, independente: o Brasil dos mulatos, malandros e heróis ignorados” (Gomes, 2008, p. 113).

É provável, portanto, que o cotidiano de Manuel Bandeira tenha sido uma das vias que favoreceram o processo de identificação dos autores cabo-verdianos com o Brasil, considerado então uma espécie de “irmão mais velho” cujo sistema literário, já solidificado nos termos propostos por António Candido (1997, p. 15), tornou-se alvo de interesse por simbolizar a rutura cultural e política com o império português.

## NOTAS TEÓRICAS SOBRE O COTIDIANO

Antes de me reportar aos poemas cabo-verdianos que se comunicam com a obra do autor pernambucano, creio serem necessárias algumas observações teóricas a respeito dos estudos sobre a presença do cotidiano na literatura, desenvolvidos no interior de um conjunto de transformações ocorridas na segunda metade do século XX, mais especificamente no final da década de 1960, época em que houve uma confluência de uma série de acontecimentos que culminaram nos protestos de maio de 1968, na França, dando visibilidade a movimentos reivindicatórios de grupos como estudantes, operários, negros, mulheres e homossexuais.

No bojo dessas transformações políticas e culturais, abriram-se discussões decisivas no âmbito das Ciências Sociais, o que levou à necessidade de novos constructos teóricos para a análise e interpretação da realidade social. Assim, prestigiados pensadores, como Jean-Paul Sartre, Henry Lefèbvre, Jean Baudrillard, Pierre Bordieu, Jürgen Habermas, Mikhail Bakhtin, Gilles Deleuze e Félix Guattari, voltaram suas atenções para o estudo do cotidiano como fonte histórica, de modo que a documentação, antes referente ao evento e ao seu produtor, passa a se voltar ao campo económico-social e “à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, à sua vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças, às suas diversas formas de vida social” (Reis, 1994, p. 126), podendo ser obtida por meio de fontes arqueológicas, pictográficas, iconográficas,

---

<sup>1</sup> Segundo Alfredo Bosi (2006, p. 361), Manuel Bandeira foi “talvez o mais feliz incorporador de motivos e termos prosaicos à literatura brasileira”.

fotográficas, cinematográficas, orais e culturais, caso da literatura, pois o objetivo era vencer as lacunas e silêncios da história oficial.

A obra do brasileiro Manuel Bandeira, segundo tal orientação teórica, reconhecida por um marcante tom cotidiano, pode ser tomada como fonte para uma “investigação de significados existenciais entre a narratividade e a realidade, entre a subjetividade do eu lírico [...] e a objetividade do real filtrado pela linguagem literária” (Coelho, 2011, p. 6). Dessa forma, os poetas cabo-verdianos, ao se reportarem à poesia do autor pernambucano, recriando-a ou adaptando-a ao seu país, constroem também uma nova (micro)história, permitindo que pesquisadores efetuem a recomposição da realidade socioeconômica e cultural de uma época.

Ainda em igual sentido, Milton Santos (2004, p. 126) afirma que o mundo cotidiano abriga uma produção ilimitada de racionalidades, constituindo-se por uma heterogeneidade criadora. Agnes Heller (2008, p. 32), para definir a vida cotidiana, emprega a mesma qualificação: heterogênea. Assim, o cotidiano se revela plural, híbrido e complexo; a unicidade sugerida pela ideia de repetição dos atos cotidianos, na verdade, é ilusória, porque suas ocorrências acabam por instituir sentidos diversos.

Edwiges Zaccur (2003, p. 180), por sua vez, acrescenta que “o que aparentemente se repete, no próprio processo de repetição, tanto se reitera como se recria, produz iterâncias realimentadoras, por menores que sejam as alterações, por acréscimo ou desgaste”.

Aprofundando a discussão, Norberto Guarinello propõe que o cotidiano apresenta dualidades temporais complementares: o repetitivo e o transformador, o duradouro e o instantâneo, o banal e o excecional. Não se reduz, portanto, a apenas uma esfera da vida, pois compreende “a tensão entre a ordem e o movimento, entre a estrutura e a ação” (Guarinello, 2004, p. 25-26).

A complexidade do cotidiano traduz-se, em síntese, para além dessas tensões, naquilo que Agnes Heller chamou de “heterogêneo” (2008, p. 32) por englobar os mais diversos aspetos da vida, como as relações familiares e de trabalho, a vida privada, as sensibilidades, o descanso e o lazer, as relações de gênero, de etnia e a construção das identidades, todos eles amplamente abordados, na literatura, por Manuel Bandeira e por um grande número de poetas cabo-verdianos, como mais adiante será comprovado.

Já na década de 1970, contribuições teóricas fundamentais se voltam para o estudo do mecanismo como as forças conservadoras hegemônicas se reproduzem no tecido social e para a dinâmica de acomodação/resistência (individual e coletiva) perante elas: *História e cotidiano* (1970), de Agnes Heller; *A revolução urbana* (1970), de Henri Lefèbvre; e os artigos “Manières de faire et pratiques quotidiennes” e “Pratiques culinaires: une mémoire”, de Michel de Certeau e Luce Giard (1978), parte dos resultados de uma

pesquisa desenvolvida entre 1974 e 1978, que originou a publicação, em 1980, de *A invenção do cotidiano*, volumes 1 e 2.

Henri Lefèbvre, em *Critique de la quotidienne II: fondements d'une sociologie de la quotidienneté* (1991), preceitua que o domínio do espaço é fonte de poder social sobre a vida cotidiana e se articula a outras formas de poder social. Para ele, o cotidiano é o produto histórico mais próximo do ser humano, constituindo-se como instrumento para a abordagem empírica do real e como forma de mediação entre particular e universal. O foco no cotidiano é base para a compreensão dos processos estruturantes das relações sociais mais amplas.

Agnes Heller, mais enfaticamente, assevera que o cotidiano é a raiz e sustenta tudo o que se lhe sobrepõe: “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico” (Heller, 2008, p. 34). Segundo a referida pensadora, o cotidiano pode ser o ponto de partida da interpretação histórica se encarado como diretamente relacionado com a história social e cultural e sob novas modalidades metodológicas, tendo como contraponto a história política oficial (que selecionava acontecimentos históricos excepcionais).

Confluindo com as propostas de Henri Lefèbvre e Milton Santos já expostas, Agnes Heller considera que o cotidiano constitui-se, também, como campo aberto a ações inovadoras e saberes criativos, o que envolve a literatura. Para a pesquisadora, a vida cotidiana é o “fermento” secreto da história, pois é nela que ocorre a “revolução invisível” tramada por todos os homens no processo de evolução social.

Michel de Certeau (2005), por sua vez, afirma que, a partir da análise da vida cotidiana, é possível perceber e interpretar os movimentos de resistência ante as forças hegemônicas de reprodução e de controle social. O referido teórico sublinha os meios de inventar o cotidiano ao escapar dos modelos de consumo impostos, subvertendo as representações (e construindo micro-história) a partir de dentro do discurso dominante.

Em *A invenção do cotidiano*, Certeau retoma as ideias de Michel Foucault (2006) sobre a “microfísica do poder” e os espaços de controle na vida social moderna e dá visibilidade à tática popular de resistência ou de reinvenção relacionadas ao cotidiano – habitar, circular, falar, ler, ir às compras, cozinhar – nas operações e usos individuais, que implicam “operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento” (Harvey, 2002, p. 41), definindo-a como

o movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’(...), e no espaço por ele controlado. (...) Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância

do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco (Certeau, 2005a, p. 100-101).

Como se observa, as reflexões de Agnes Heller, Henri Lefèbvre e Michel de Certeau trazem contribuições definitivas para a reflexão sobre a constituição dos sujeitos sociais com base no cotidiano, que, como campo de estudo, dá visibilidade ao entrecruzamento de processos macro e microssociais e recoloca o indivíduo e a coletividade no centro do acontecer histórico.

As tradições, as identidades e as representações, entre elas as focalizadas pela literatura, constituem a concretização dos saberes sobre o cotidiano. É no cotidiano (entendido como cotidiano-com-os-outros) que o ser humano vive as identidades, numa rede simbólica de sentidos de pertencimento como classe, gênero, grupo, etnias, nacionalidades.

### **CABO VERDE: A POESIA DE MANUEL BANDEIRA NA BERLINDA**

Feito esse breve percurso teórico pelos estudos do cotidiano, passo abordar os laços encontrados entre a obra de Manuel Bandeira e os poemas dos autores de Cabo Verde.

Corroborando tal premissa, Baltasar Lopes (que poeticamente se apresenta como Osvaldo Alcântara) afirma: “Em poesia foi um ‘alumbramento’ a ‘Evocação do Recife’, de Manuel Bandeira, que, salvo um ou outro pormenor, eu visualizava com suas figuras dramáticas, na minha Ribeira Brava<sup>2</sup>” (Lopes, 1956, p. 56). Para o poeta cabo-verdiano, entretanto, a Pasárgada, lugar ideal e imaginário de Bandeira<sup>3</sup>, parece ter sido a mais marcante, já que, em sua obra *Cântico da manhã futura* (1991), é invocada em nada menos que seis poemas<sup>4</sup>, cinco deles contidos numa seção intitulada “Itinerário de Pasárgada”, da qual destacamos o segundo, “Saudade de Pasárgada”<sup>5</sup>:

Saudade fina de Pasárgada...

---

<sup>2</sup> Terra natal de Baltasar Lopes, situada na Ilha de São Nicolau (no Barlavento), com aproximadamente cinco mil habitantes na atualidade.

<sup>3</sup> Os poetas cabo-verdianos se referem ao poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do qual reproduzo a primeira estrofe: “Vou-me embora pra Pasárgada/ Lá sou amigo do rei/ Lá tenho a mulher que eu quero/ Na cama que escolherei/ Vou-me embora pra Pasárgada” (2000, p. 66-67). Quanto ao significado da palavra, explica o próprio Manuel Bandeira: “Quando eu tinha os meus quinze anos e traduzia na classe de grego do [Colégio] Pedro II a Ciropédia fiquei encantado com esse nome de uma cidadezinha fundada por Ciro [...] nas montanhas do sul da Pérsia, para lá passar os verões. A minha imaginação de adolescente começou a trabalhar, e vi Pasárgada e vivi durante alguns anos em Pasárgada. Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na minha casa da rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito na minha vida por motivo da doença, saltou-me de súbito do subconsciente esse grito estapafúrdio: ‘Vou-me embora pra Pasárgada!’” (Bandeira, 1954, p. 36).

<sup>4</sup> Na seção intitulada “Itinerário de Pasárgada”, encontram-se cinco poemas: “Passaporte para Pasárgada”, “Saudade de Pasárgada”, “Balada dos companheiros para Pasárgada”, “Dos humildes é o reino de Pasárgada” e “Evangelho segundo o rei de Pasárgada” (1991, p. 115-124). Além desses, na mesma obra, o poema “Há um homem estranho na multidão” (1991, p. 57-58) também faz menção à Pasárgada.

<sup>5</sup> Adotei a formatação deste poema conforme aparece em *Cântico da manhã futura*, obra do próprio Osvaldo Alcântara, sendo diferente da formatação constante na *Antologia temática de poesia africana 1: na noite grávida dos punhais*, de Mário de Andrade (1980, p. 32).

Em Pasárgada eu saberia  
onde é que Deus tinha depositado  
o meu destino...

E na altura em que tudo morre...

Cavalinhos de Nosso Senhor correm no céu;  
a vizinha acalenta o sono do filho rezingão;  
Tói Mulato foge a bordo de um vapor;  
o comerciante tirou a menina de casa;  
os mocinhos da minha rua cantam:  
    indo eu, indo eu,  
    a caminho de Viseu...

Na hora em que tudo morre,  
esta saudade fina de Pasárgada  
é um veneno gostoso dentro do meu coração.  
(Alcântara, 1991, p. 117).

Neste poema, Osvaldo Alcântara associa a saudade – que é “fina”, ou seja, aguda, intensa – à ideia mítica de Pasárgada, como a negar ou a suspender o tempo presente, fato comprovado pelo uso do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito na segunda estrofe. Já a partir da terceira estrofe, entretanto, o presente toma conta dos versos, sinalizando o resgate de uma infância endemizada e da vida cotidiana, pontos em que ecoam, respetivamente, os poemas “Evocação do Recife” (1998, p. 133-136) e “Rondó dos cavalinhos” (1985, p. 239), de Manuel Bandeira.

A imagem da Pasárgada é, também, tomada como mote ou fonte de diálogo com a obra do brasileiro pelos poetas cabo-verdianos Filinto Elísio<sup>6</sup>, António de Nevada<sup>7</sup>, Arménio Vieira<sup>8</sup>, José António Lopes<sup>9</sup>, Nzé di Sant’y Agu<sup>10</sup>, Mário Lima<sup>11</sup>, Yolanda Morazzo<sup>12</sup>, Danny Spínola<sup>13</sup> e Ovídio Martins, que se apresentou avesso

---

<sup>6</sup> No poema “A poesia do reverso (Poesia II)”, lê-se: “lusoáfricas berço terço/ o terceto da nova poesia/ onde passava a Pasárgada/ passa agora o pássaro da paz” (Elísio, *in* Almada, 1998, p. 231).

<sup>7</sup> No Canto V do poema “Vozes em unísono: Cantos III, IV, V e VI”, lê-se: “Raios partam Pasárgada/ E as suas Musas,/ Raios partam” (Nevada, *in* Fontes, 2008, p. 248).

<sup>8</sup> No poema “Derivações”, lê-se: “*Polifonte*: não tem pátria, por opção./ Tanto se lhe dá que faça sol/ ou caia neve, nada o aquece/ ou arrefece. Até gosta de Pasárgada,/ que, entre outras coisas,/ é o melhor sítio do mundo/ para se andar de burro. (Vieira, *in* Fontes, 2008, p. 323-324).

<sup>9</sup> No poema “Da Pasargada a UR-Kassdins”, lê-se: “Que empesto o fogo do sacrifício/ que desabe o transversal da pasárgada/ e boceje o cemitério das bruxas/ na hora em que o inferno exalar um bafo quente/ de defuntos sobre o mundo fétido/ dos poetas... Amém...” (1993, p. 16-19).

<sup>10</sup> Pseudónimo de José Luís Hopffer Almada. No poema “Parábola sobre o castanho sofrimento”, lê-se: assumir-nos/ como criaturas decentes e dignas/ sob o olhar finalmente compadecido/ da lonjura fraterna da terra prometida/ da distância próxima e tateável/ de *uma outra terra dentro da nossa terra/ da ilha de todos os poemas/ pasárgada/ de carne e espírito saciados* (Sant’y Agu, *in* Fontes, 2008, p. 25-26).

<sup>11</sup> No poema “Festival na Boa Vista”, lê-se: “Meu Deus!/ Onde estou?/ Eden?/ Olimpo?/ Pasárgada?” (2005, p. 162-165).

<sup>12</sup> No poema “Fuga ao diabo”, lê-se: “Manuel Bandeira/ foi-se embora para Pasárgada/ eu vou emigrar do planeta/ num tapete voador/ antes da privatização do espaço” (2006, p. 350-351).

ao “pasargadismo” e publicou o poema “Anti-evasão” em 1962, mais tarde também inserido em sua obra *Gritarei, berrarei, matarei, não vou para Pasárgada* (1973):

Pedirei  
Suplicarei  
Chorarei

Não vou para Pasárgada

Atirar-me-ei ao chão  
e prenderei nas mãos convulsas  
ervas e pedras de sangue

Não vou para Pasárgada

Gritarei  
Berrarei  
Matarei

Não vou para Pasárgada  
(Martins, 1962, p. 55)

Para Manuel Ferreira, entretanto, o “pasargadismo” não pode ser confundido com “evasionismo” tão simplesmente, como propõe Ovídio Martins, já que, em verdade, é o

desejo manifestado da fuga à degradada situação colonial que encerrava o horizonte à juventude pensante e interrogadora. Era um protesto. Um desdém. Não é de mais dizer: era a fuga à erosão colonial, mas não era voltar as costas à caboverdianidade (Ferreira, 1989, p. 160).

Em tal linha de pensamento também devem ser compreendidas as reverberações, entre os poetas cabo-verdianos, de outra conhecida e difundida imagem de Manuel Bandeira: a Estrela da Manhã. No poema homônimo<sup>14</sup> e também título da obra publicada em 1936 pelo autor brasileiro que então completava cinquenta anos de idade, *Estrela da Manhã*, verifica-se a existência e a fusão de dois mundos – um ideal, de sonho, onde habita o que está por ser atingido, e um material, da realidade das ruas, do cotidiano –, que também transparecem de forma lírica na literatura de Cabo Verde, mais especificamente nos textos poéticos de Jorge Barbosa<sup>15</sup>, Osvaldo Alcântara<sup>16</sup>, Corsino Fortes<sup>17</sup>, Osvaldo Osório<sup>18</sup>, Gabriel Mariano<sup>19</sup>, Valentinus Velhinho<sup>20</sup> e Vera Duarte<sup>21</sup>.

---

<sup>13</sup> No poema “Pasárgadas de Sol”, lê-se: “E tive consciência, então, do longínquo aceno dos delfins,/ Das suas acrobacias e das suas estranhas e místicas melodias/ Em eterno e terno convite à paixão lunar do meio-dia em Pasárgadas de sol” (Spínola, *in* Riso, 2011, p. 28-32).

<sup>14</sup> Na primeira estrofe de “Estrela da Manhã”, de Manuel Bandeira, lê-se: “Eu quero a estrela da manhã/ Onde está a estrela da manhã?/ Meus amigos meus inimigos/ Procurem a estrela da manhã” (2000, p. 73-74).

<sup>15</sup> No poema “Carta para Manuel Bandeira”, lê-se: “Nunca li nenhum dos teus livros./ Já li apenas/ a Estrela da Manhã e alguns outros poemas teus./ [...] Então/ sem qualquer palavra/ passar-te-ia a Estrela da Manhã.” (1956, p. 53-54).

<sup>16</sup> No poemas “Nasceu um poema”, lê-se: “Há quanto tempo sentia esta sede que nunca se apagava,/ e eu continha os meus soluços desesperadamente,/ como aquele a quem tarde de nascer a Estrela de Alva!” (1991, p. 31). Já no poema “Porão”, lê-se: “Amigos, inimigos, onde pára/ Aquele que me prometeu a Estrela da Manhã?/ [...] Amigo, traze-me a Tua Estrela!” (1991, p. 79).

Mas, além de “Vou-me embora pra Pasárgada” e “Estrela da Manhã”, vários outros poemas de Manuel Bandeira encontram ressonância nas obras dos escritores do arquipélago. Em alguns versos do poema “Louvação da Claridade”, por exemplo, Gabriel Mariano se aproxima bastante de “Pneumotórax”, do referido brasileiro<sup>22</sup>, especialmente nos que passo a citar:

Mas veio um tempo  
e o tempo da morte chegou.  
Tosse hemoptize [sic]  
Hemoptize [sic] mais tosse.  
Não tem cura doutor?  
Não tem não senhor.  
Não tem remédio doutor?  
(Mariano, 1986, p. 4)

Yolanda Morazzo, por sua vez, incorpora um verso (ainda que o modificando um pouco no teor e na forma) do poema “Desencanto”<sup>23</sup>, do autor pernambucano, em seu “O que há em mim é a vida”, escrito em 1962:

Manuel Bandeira  
Tu disseste:  
“Eu faço versos  
Como quem morre”  
Eu como quem vive  
Sou a mãe que dá à luz...  
  
Há uma lágrima escondida  
Uma alegria perdida  
No fundo dos meus versos...  
  
Cada poema – uma vida

---

<sup>17</sup> No poema “Mulher”, lê-se: “Mulher! é na palma/ palma da tua mão/ Que explode a Estrela da manhã” (2001, p. 184-186).

<sup>18</sup> No poema “Balanço de uma paixão que interroga”, lê-se: “agora diremos século e milénio terminais/ é adiada a Estrela da Manhã/ e um destino mais impenetrável se perfila” (2007, p. 71-73).

<sup>19</sup> No poema “Louvação da Claridade”, lê-se: “Filho unigénito da Estrela da Manhã/ Caboverde ancestral/ pureza sem limites. Eu te saúdo,/ Baltazar [sic] Oswaldo Lopes da Silva Alcântara. (1986, p. 6). Além do poema, a imagem da Estrela da Manhã também é encontrada no conto “Família”: “Clau Leda tinha sido trancador de baleia no four-master ‘Estrela da Manhã’ porém ainda rapaz tenro pegou uma asma muito ruim e resolveu fixar-se como comerciante.” (2001, p. 131).

<sup>20</sup> No poema “IV- Sangrenta a Lua”, lê-se: “Sangra a Lua para por fim lugar dar/ Àquela que – para sempre/ À mercê dos misteriosos Infinitos/ Sem história nenhuma –/ De modo nenhum pode sangrar:// A Estrela da Manhã.” (2008, p. 186). Em “VI- Os astros da terra”, lê-se: “Com a Estrela da Manhã/ Calar-se-ão os grilos,/ Estes secretos astros da terra.” (2011, p. 115). Já no poema “Quem mais sou?”, lê-se: “O sol da meia-noite não deve nada/ À Estrela da Manhã nem a um anjo iluminado à tardinha.” (2002, p. 73). Finalmente, no poema “Única e intacta”, lê-se: “A Estrela da Manhã/ - a única que não há-de cair,/ A única que de pé e intacta/ Manter-se-á ao alto – que bela/ Presa daria para um relâmpago súbito?” (2002, p. 73).

<sup>21</sup> No poema em prosa “1. Os meninos”, lê-se: “Queria então estar ao lado deles e sem qualquer palavra, passar-lhes a Estrela da Manhã.” (2001, p. 81).

<sup>22</sup> No poema “Pneumotórax” (2000, p. 30), de Manuel Bandeira, lê-se: Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos./ A vida inteira que podia ter sido e que não foi./ Tosse, tosse, tosse.// [...] // - O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado./ - Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?/ - Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

<sup>23</sup> Eis a primeira estrofe do poema “Desencanto” (1985, p. 189), de Manuel Bandeira: “Eu faço versos como quem chora/ De desalento... de desencanto.../ Fecha o meu livro, se por agora/ Não tens motivo nenhum de pranto.”



Das mil vidas por nascer.  
(Morazzo, 2006, p. 128)

Mário Lima, em “Os sinos de cá e de lá”, evoca a sonoridade do poema “Os sinos”<sup>24</sup>, também de Manuel Bandeira, para estabelecer um ponto de contato com a terra cabo-verdiana:

Sino de Belém  
bão bão bão  
cantou Manuel Bandeira  
lá no Brasil  
  
dling dlang dling  
repicava o Djonga  
entoavam-se cânticos  
na paróquia  
  
um repicar diferente  
corridinho  
mesma intenção  
mesma fé  
mesmo ardor  
em dias de romaria  
  
de Bandeira  
sino da Paixão bão bão bão  
  
sino de Santa Isabel  
dling dling dling (Lima, 2005, p. 67)

Já o poema “O bicho”<sup>25</sup>, do poeta brasileiro, conhecido pelo seu cunho social, dialoga com “Bicho-Gente”, do cabo-verdiano ganhador do Prémio Camões 2009, Arménio Vieira, cujos versos valem ser lidos com vagar:

Numa lamela de sol  
uma larva de fome  
na fome da hora  
uma hora de bicho  
  
(homem ou larva  
Bicho ou gente?)  
  
Na fome da hora  
uma larva estremece  
na hora de bicho  
um verme apodrece. (Vieira, *in* Medina, 1987, p. 520)

De igual modo, o poema “Ocorrência em Birmingham”, de Jorge Barbosa, ao focalizar o cotidiano, aproxima-se da poética de Manuel Bandeira, mais especificamente de “Poema tirado de uma notícia de jornal”<sup>26</sup>, como é possível observar nos seguintes versos:

---

<sup>24</sup> Eis alguns versos do poema “Os sinos” (1985, p. 118), de Manuel Bandeira: “Sino de Belém,/ Sino da Paixão...// [...] Sino da Paixão, pelos que lá vão!/ Sino da Paixão bate bão-bão-bão.”

<sup>25</sup> Eis o poema “O bicho” (1985, p. 283-284), de Manuel Bandeira: “Vi ontem um bicho/ Na imundície do pátio/ Catando comida entre os detritos.// Quando achava alguma coisa,/ Não examinava nem cheirava:/ Engolia com voracidade.// O bicho não era um cão,/ Não era um gato,/ Não era um rato.// O bicho, meu Deus, era um homem.”

John  
de Birmingham  
Alabama  
USA

entrou na tabacaria.

Foi insultado  
soqueado  
expulso.

Na rua  
o polícia  
espancou  
derrubou  
cuspiu  
prende o desordeiro.

Negro safado! (Barbosa, *in* Santos, 1993, p. 148)

Salutar é a proximidade estrutural e temática entre os dois poemas: os títulos de ambos são atinentes a situações cotidianas que poderiam ser tomadas como não-poéticas, as “personagens” João e John possuem o mesmo nome, sendo a variação decorrente de sua origem geográfica e linguística, mas

diferentemente de João Gostoso, cuja história transcendente ganhou as páginas dos jornais, de onde Bandeira ‘tirou’ o poema, John não tem outra voz senão a do próprio eu-lírico. Contudo, seu anonimato o aproxima, de certo modo, do destino comum de milhares de outros oprimidos cujas histórias também não ganharam as páginas dos jornais. Seus destinos trágicos enlaçam-se e, ao serem cantados pelo poeta, ganham uma voz audível, estejam eles em Birmingham, Alabama, nos vilarejos cabo-verdianos varridos pela lesta ou no brasileiro Morro da Babilônia (Paula, 2005, p. 90).

De acordo com Manuel Ferreira, a fixação de Jorge Barbosa pela obra de Manuel Bandeira se faz tão notória que tamanha proximidade somente é possível pela invocação “do quotidiano, dos pequenos acontecimentos, das pequenas figuras, de Nhô Fulano, de Nhô Beltrano, das pequenas histórias do dia-a-dia” (Ferreira, 1989, p. 157), podendo ser mencionados, apenas para exemplificar, os poemas “Carta para Manuel Bandeira” (1956, p. 53-54), “Carta para o Brasil”, “Carnaval no Rio de Janeiro”, “Palavra profundamente” (1993, p. 66) e “Você, Brasil” (1956, p. 57-60)<sup>27</sup>, do qual destaco os seguintes versos:

Eu gosto de você, Brasil,  
porque Você é parecido com a minha terra.  
Eu bem sei que você é um mundo  
e que a minha terra são  
dez ilhas perdidas no Atlântico,  
sem nenhuma importância no mapa.  
Eu já ouvi falar de suas cidades:

---

<sup>26</sup> Eis o “Poema tirado de uma notícia de jornal” (2000, p. 46), de Manuel Bandeira: “João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número/ Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro/ Bebeu/ Cantou/ Dançou/ Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.”

<sup>27</sup> O cabo-verdiano José Vicente Lopes, autor do conto “O sonho do Senhor JB” (LOPES, 2007, p. 65-66), apresenta de forma divertida a fixação de Jorge Barbosa por Manuel Bandeira ao recriar cenas a partir um suposto sonho em que os poetas dos dois lados do Atlântico mantinham conversa.

A maravilha do Rio de Janeiro,  
São Paulo dinâmico, Pernambuco, Bahia de Todos-os-Santos.  
Ao passo que as daqui  
Não passam de três pequenas cidades.  
Eu sei tudo isso perfeitamente bem,  
mas Você é parecido com a minha terra. (Barbosa, 1956, p. 57-60)

Em “Você, Brasil”, Jorge Barbosa não só estabelece um diálogo com Manuel Bandeira e outros escritores brasileiros, como também apresenta(-se) (a)o “irmão atlântico” em tom coloquial, fraterno, afetivo, numa demonstração linguística (e não só) de conhecimento do “outro” e, concomitantemente, de “si mesmo”. Em outras palavras, as marcas da enunciação, neste poema dedicado a Ribeiro Couto (e que ainda cita Jorge de Lima e faz inferência ao poema “Pronominais”, de Oswald de Andrade), são evidentes e demonstram a aproximação entre Cabo Verde e Brasil. Valendo-se da analogia, o sujeito poético também evoca as músicas brasileira e cabo-verdiana e o drama das secas enfrentado pelos dois países, além de se mostrar simpático (ou mesmo atraído) para conhecer as paisagens e as vivências brasileiras.

Assim, por tudo quanto foi exposto e como é possível observar, o cotidiano, neste poema e nos demais reportados ao longo do texto, apresenta-se como uma espécie de fio condutor que, promovendo a aproximação literária entre Manuel Bandeira com os poetas cabo-verdianos, também reúne (micro)historicamente os dois lados do Atlântico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, O. 1991., *Cântico da manhã futura*. Linda-a-Velha: Edições ALAC.
- ANDRADE, M. de. 1980. *Antologia temática de poesia africana 1: na noite grávida de punhais*. 3. ed. Praia: Instituto Caboverdeano do Livro.
- BANDEIRA, M. 1954. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras.
- 1984. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 1985. *Poesia completa e prosa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- 1998. *Estrela da vida inteira*. São Paulo: Círculo do Livro.
- 2000. *Libertinagem & Estrela da Manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BARBOSA, J. 1956. *Caderno de um ilhéu*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- 1993. “Ocorrência em Birmingham”. In: SANTOS, E. RODRIGUES dos (org.). *Jorge Barbosa: poesia inédita e dispersa*. Lisboa: Edições ALAC, p. 148.
- BOSI, A. 2006. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- CANDIDO, A. 1997. *Iniciação à Literatura Brasileira*. São Paulo: Humanitas.
- CERTEAU, M. de. 2005a. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 11. ed. Petrópolis: Vozes.

- GIARD, L., MAYOL, P. 2005b. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Tradução Ephraim F. Alves, Lúcia Endlich Orth. 6. ed. Petrópolis: Vozes.
- COELHO, G. de S. 2011. "Linhas fronteiriças no espaço cotidiano de Manuel Bandeira: uma poética da desterritorialização". *Anais do SILEL*, v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1455.pdf>>. Acesso em: dez. 2011.
- DUARTE, V. 2011. *O arquipélago da paixão*. Praia: Artiletra.
- ELÍSIO, F. 1998. "A poesia do reverso (Poesia II)". In: ALMADA, J. L. H. Cordeiro (org.). *Mirabilis de veias ao sol*. Praia: Instituto de Promoção Cultural, p. 231.
- FERREIRA, M. 1989. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano.
- FORTES, C. 2001. *A cabeça calva de Deus*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- FOUCAULT, M. 2006. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- GOMES, S. C.. 2008. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia: Ateliê.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. 2004. "História científica, história contemporânea e história cotidiana." *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, n. 48, p.13-38. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000200002&script=sci\\_arttext#nt22](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000200002&script=sci_arttext#nt22)>. Acesso em: jan. 2010.
- HARVEY, D. 2002. *Condição pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola.
- HELLER, A. 2008. *O cotidiano e a história*. Tradução Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- LEFÈBVRE, H. 1991. *Critique de la quotidienne II: fondements d'une sociologie de la quotidienneté*. Paris : L'Arche.
- LIMA, M. 2005. *Minhas aguarelas no espaço e no tempo*. Praia: Edição do Autor.
- LOPES, B. 1956. *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*. Praia: Imprensa Nacional.
- LOPES, J. A. 1993. *As últimas páginas do Apocalipse*. [S.l.]: Edição do Autor.
- LOPES, J. V. 2007. *A fortuna dos dias (contos)*. Praia: Spleen.
- MARIANO, G. 1986. *Louvação da Claridade*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro.
- 2001. *Vida e morte de João Cabafume*. 2. ed. Lisboa: Vega.
- MARTINS, O. 1962. *Caminhada*. Lisboa: CEI.
- MORAZZO, Y. (2006), *Poesia completa: 1954-2004*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- NÉVADA, A. de. 2008. "Vozes em Unísono: Cantos III, IV, V e VI". In: FONTES, Francisco (org.). *Destino de bai*: antologia de poesia inédita cabo-verdiana. Coimbra: Saúde em Português, p. 248.
- OSÓRIO, O. 2007. *A sexagésima sétima curvatura*. Praia: Dada.
- PAULA, J. C. M. de. 2005. *Manuel Bandeira e Claridade: confluências literárias entre o modernismo brasileiro e o cabo-verdiano*. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). São Paulo, Universidade de São Paulo.
- REIS, J. C. 1994. *Tempo, História e evasão*. Campinas: Papirus.

- SANTOS, M. 2004. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.
- SANT'Y AGU, Nzé di (2008), "Parábola sobre o Castanho Sofrimento". In: FONTES, Francisco (org.). *Destino de bai: antologia de poesia inédita cabo-verdiana*. Coimbra: Saúde em Português, p. 25-26.
- SPÍNOLA, D. "Pasárgadas de Sol". In: RISO, Ricardo (org.). *Cabo Verde: antologia de poesia contemporânea*. Disponível em: <<http://www.africaeaficanidades.com/documentos/ANTOLOGIA-CABO-VERDE.pdf>>. Acesso em: dez. 2011.
- VELHINHO, V. 2002. *O túmulo da Fénix*. Praia: Edições Artiletra.
- 2008. *Tenho o infinito trancado em casa*. Praia: Artiletra.
- 2011. *Noites ao cair da noite*. Praia: Edições Artiletra.
- VIEIRA, A. (1987), "Bicho-Gente". In: MEDINA, Cremilda de Araújo. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopeia: Secretaria de Estado da Cultura, p. 520.
- 2008. "Derivações". In: FONTES, Francisco (org.). *Destino de bai: antologia de poesia inédita cabo-verdiana*. Coimbra: Saúde em Português, p. 323-324.
- ZACCUR, E. 2003. "Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas". In: GARCIA, Regina Leite (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A.